ARTE MODERNA

A conferencia do dr. Menotti Del Picchia no Municipal : : :

A brilhante conferencia pronunciada ante-hontem, no theatro Municipal pelo nosso companheiro de trabalho dr. Menotti Del Picchia, e cuja publicação não fizemos hontem, por falta de espaço, é a seguinte:

"Pela estrada do rodagem da via-lactea, os automoveis dos planetas correm vertiginosamente. Béla o Cordeiro do Zodiaco, perseguido pela Ursa Maior, toda deitada de astros. As estrellas tocam o "jazz band" de luz, rhythmando a dança harmonica das esferas. O céo parece uma immenso cartaz electrico, que Deus arrumou no alto, para fazer o eterno reclamo da sua omnipotencia e da sua gloria".

Este é o estylo que de nós esperam os passadistas, para enforcarnos, um a um, nos finos baraços das nassolas das duas valas. Para elles nós somos um bando de bolshevistas das esthetica, correndo a 80 H. P. rumo da paranóia. Somos o cacandalo com duas pernas, o cabotinismo organizado em escola. Julgam-nos nas canguceiros da prosa, do verso, da esculptura, da pintura, da choreographia, da musica, amotinados na jaguncada do Canudos literario da Paulicéa Desvairada...

Que engano! Nada mais ordeiro e pacifico que este bando de vanguarda, liberto do totemismo tradicionalista, actualizado na vida policiada, violenta e americana de hoje. Ninguem respeita mais o "casco-têto" do guarda-civico da esquina que esse pugilo de facheiros apparentes, ainda com as mãos fumegantes do sangue de Homero, Virgilio, Dante, Camões, Victor Hugo, sobretudo Zola e os néo-gregos, com Heredia á frente...

E' que, si assassinamos, sem pena, papões inautuaes, lhes beijamos, com reverencia, os tumulos, amando-os com a alma localizada na data dos epitaphios das suas carneiras.

Aos nossos olhos riscados pela velocidade dos bondes electricos e dos aviões, chuca a visão das multidões eternizadas pela arte dos embalsamadores. Cultivar o hellenismo como força dynamica de uma poetica do seculo é collocar o corpo sêcco, enrolado em bandas, de um Ramsés ou de um Amenófis, a governar uma republica democratica, onde ha fraudes eleitoraes e gréves anarchistas.

Aos discípulos de Sparta, oppomos Friedenreich e Carpentier. A' derrocada de Ilion, a resistencia de Verdun ou uma batalha de kennistas. A's princezas de ballados dos castellos roqueiros, preferimos a dactylographa garota. Não queremos phantasmas! Estamos num tempo de realidades e violencias.

* * *

A nossa esthetica é de reacção. Como tal, é guerreira. O termo futurista, com que erradamente a etiquetaram, acceitamol-o porque era um cartel de desafio. Na galeria de marmore de Carrara do parnazianismo dominante, a poesia aggressiva desea próa verbal estalançava como um ariete. Não somos, nem nunca fomos "futuristas". Eu, pessoalmente, abomino o dogmatismo e a liturgia da escola de Marinetti. Seu chefe é, para nós, um precursor illuminado com

veneramos como um general da grande batalha da Reforma, que alarga seu "front" em todo o mundo. No Brasil não ha, porém, razão logica e social para o futurismo orthodoxo, porque o prestigio de seu passado não é de molde a tolher a liberdade da sua maneira de ser futura. Demais, ao nosso individualismo esthetico, repugna a jaula de uma escola. Procuramos, cada um, actuar do accordo com nosso temperamento, dentro da mais arrojada sinceridade.

O que nos aggrega não é uma força centripeta de identidade technica ou artistica. As diversidades das nossas maneiras de verificarem um complexidade das formas por nós praticadas. O que nos agrupa é a idéa geral de liberação contra o facilismo estagnado contemplativo, que annulla a capacidade creadora dos que ainda esperam ver erguer-se o sol atrás do Parthenon em ruinas.

Queremos luz, ar, ventiladores, aeroplanos, reivindicações, obreiras, idealismos, motores, chaminés de fabricas, sangue, velocidade, sonho, na nossa Arte! E que o rufo de um automovel, nos trilhos de dois versos, espante da poesia o ultimo deus homerico, que ficou, anachronicamente, a dormir e sonhar, na éra do "Jaz-band" e do cinema, com a flauta dos pastores da Arcadia e os seios divinos de Helena!

* * *

No seculo das descobertas, que foi o passado, o genio insomne das reformas, trabalhava na obra de Cezanne, Rodin, Rimbaud e Wagner. No seculo da construcção e aproveitamento dessas descobertas, encontramo-nos no formidavel movimento de fixação basilar de uma nova esthetica, no qual seremos, futuramente, os néo-classicos. O exotismo torturado dos obreiros da nossa directriz artistica não é mais que a poeira de ouro de uma grande nebulosa que dará a luz um novo mundo.

Não vos espante o dadaismo, o futurismo, o cubismo, o futurismo, o bolshevismo, o erostratismo: são ingredientes magicos e ephemeros da alchimia humana, preparando o novo molde mental sobre o qual se repetirão, secularmente, os futuros academicos, os decadentes e os passadistas. Nós somos o Alpha do novo cyclo. Queremos estafar apenas os ultimos destroços do Omega do cyclo morto, para desenvolvermos a autonomia vibrante da nossa maneira de ser no tempo e no espaço.

Que é a nossa arte? . . . . .

Senhoras, choral a morte da mulher "leit-motif" das jeremiadas lyricas.

Até hontem, poetas cabelludos, falsos como brilhantes pingo dagua, só descantavam ELLA. Ella era o que Marinetti chamava a mulher fatal. Para elles — idiotas! — não havia automoveis, carros, sapateiros martellando solas, ministros vendendo patrias a varejo no bulicho internacional de conferencias e tribunaes de arbitragem. ELLA era onnimoda. Fazia carnivoros pensantes dependerem do viaducto do Chá em "loopings" imprevistos. Soluçavam debaixo dos salgueiros, em outonos preparados pelos jardineiros do sr. Firmiano Pinto. Picavam o braço com injecções de cocaina, que as faziam ardiam nos olhões romanticos e coruscantes como dois phareis de "voiturettes".

E choravam, choravam, guedelhudos, inuteis, parvos, inactuaes, necessitados do Institutos Disciplinares e ablucões de agua da Colonia...

Quando o rochedo das emgadinhas poeticas, que são os sonetos, não era um rabo de sala, lá vinham, fatalmente, guizados com acepipes verbaes parnasianos, os truculentos deuses de Homero. ELLA ou Jupiter. A poesia offrava-se nesse dilemma: Elvira ou o Olympo.

E — emquanto a engenharia moderna fazia cocegas nas estrellas com a unha de aço dos pára-raios dos arranha-céos, e na pauta dos fios telephonicos a symphonia dos telegraphos orchestrava revoluções bolshevistas, trucidações de armenios, a descoberta de novos typos de hulhas, ellas, com os olhos cruvados na Grecia caricatural do rei Constantino, cantavam as estrolinicos de Venus, a saturnal sordida dos deuses, precursores obscenos do Maxim's e do Apollo, onde até hontem zimbam roletas!

Jupiter poderá entrar na nossa Arte, mas não o admittiremos nu', lascivo, cabelludo, como o acceitam os parnasianos. Não queremos saber de escandalos, nem de ter que ajustar contas com a policia. O que dos deuses, para transitar nas nossas ruas, é mister que vá, antes, ao barbeiro, vista uma sobria sobrecasaca, deixe em casa o perigoso revólver olympico, que era a caixinha dos ratos, e burguez e pacifico, tal qual o pintou André Gide, se annulle na vida commum, na tragedia commum dos outros homens.

Basta de se exaltar artimanhas de Ulysses, num seculo em que o canto do vigario attingiu a perfeição de obra-prima. Basta de se descrever as correrias dos satyros caprinos atrás das nymphas levipedes e esguias: a Babylonia paulista está cheia de faunos urbanos e as nymphas modernas dangem maxixe no som do "jazz", sem temer uma egipana da Republica...

Morra a Hellade! Organizemos um zé-pereira canalha para dar uma vaia definitiva e formidavel nos deuses do Parnaso!

E a mulher? Fóra a mulher-fetiche, a mulher-cocaina, a mulher-mensonhada, Peternelle Madame!

Queremos uma Eva activa, bella, pratica, util no lar e na rua, dançando o tango e dactylographando uma conta corrente; applaudindo uma notada futurista e vaiando os tremelicantes e ridiculos poetaços de lacadas de termos raros como o porco-espinho de cerdas.

Morra a mulher tuberculosa lyrica! No acampamento da nossa civilização pragmatista, a mulher é a collaboradora intelligente e esperta da batalha diurturna e vôa no aeroplano, que reaffirma a victoria brasileira de Santos Dumont, e crêa o mecanico de amanhã, que descobrirá o apparelho destinado á conquista dos astros!

* * *

Só isso? Não. Não nos limitamos sómente a banir da galoia das rimas o fetiche "femina", nem a rebaixar para a montanha a troca olympica dos deuses. Queremos libertar a poesia do prestigio canoro das formulas academicas, dar elasticidade e amplitude aos processos technicos, para que a idéa se transubstancie, synthetica e livre na carne fresca do Verbo, sem Mecenas, antes, no leito de Procusto dos tratados de versificação. Queremos exprimir nossa mais livre espontaneidade dentro da mais espontanea liberdade. Ser, como somos, sinceros, sem artificialismos, sem convencionalismos, sem escolas. Sonorizar no rhythmo original e profundo tudo o que rebola nas nossas almas de aço, carrilhonando as celulas das nossas intimas psicheas, dobrando a angustia dos nossos lutos.

Dar á prosa o ao verso o que ainda lhes falta entre nós: ossos, musculos, nervos. Poder, com a coragem de um Géca que desbasta a foice uma capoeira, a "selva aspera e forte" da adjectivação frondosa, fertilizada, incompativel com um seculo de economia, onde o intanio é ouro. Matar Verlaine, esse dementado Wilde, esse psychopata Zola, esse agonizante Farrère, esse Gabriel de Lesana, Geraldy, esse almofadinha...

Nada de postiço, melloso, artificial, arrevesado, precioso: queremos escrever com sangue — que é humanidade; com electricidade — que é movimento, expressão dynamica do seculo; violencia — que é energia bandeirante.

Assim nascerá uma arte genuinamente brasileira, filha do céo e da terra, do Homem e do mysterio.

Neste palco, ha mezes, quem tinha uma chaca para se sentar num poltrono, ou 20$000 para se encarapitar nas torrinhas, assistia a esta cousa inaudita: Quarto acto do Mephistopholes de Boito. Fausto e Mephisto vão ao Olympo á procura de d. Helena, uma senhora bonita e desonesta, que fugiu de Menelau, seu predestinado marido, e fez Cassandra dizer prophecias, Ulysses inventar o Cavallo de Troya, Eneas fugir com o velho Anchises para o Lacio — Aos requebros da batuta de Marinuzzi, appareceram em scena os deuses da Grecia! Quem eram? Jupiter, Marte, Mercurio, Vulcano, Plutão, Neptuno... Claro que, no palco, eram comparsas, gigantes intagões italianos, de pernas á Apudas, gestos de pantomima.

Na cabeça, por corôas reais, tinham pedaços de lata. O ouro de suas tunicas de sanga era feito com papel platado. O espadagão de Marte era de estanho. Os raios de Zeus, de ferro batido...

Pois bem, essa ridicula comparsaria gelada lembrou-me todo o parnasianismo, com seus heróes de papelão, com seus deuses de fancaria, com seus monstros de gravura...

Hoje que, em Rio Preto, o "cowboy" nacional reproduz, no seu cavallo chilin, a epopéa equestre dos Italandes furibundos; que o industrial de visão aquilina amontôa milhões mais vistosos do que os de Creso; que Edu' Chaves reproduz com audacia paulista o sonho de Icaro, por que não actualizamos nossa arte, cantando essa Ilidas brasileiras? Por que preferimos uma Athenas cujos destroços de Acropole já estão pontilhados de balas de metralhadoras?

Não! Paremos deante da tragedia hedioderna, a cidade tentacular sulca seus ganglios numa área territorial que abriga 600.000 almas. Ha na angustia e na gloria da sua luta odysseas mais formidavel que as que cantou o aedo cégo: a do operario reivindicando seus direitos; a do burguez defendendo sua arca; a dos funccionarios civilizando nos trilhos dos regulamentos; a do industrial combatendo o comitante do comprarcaio; a do aristocrata exhibindo o seu lustre; a do politico assegurando a sua estabilidade; a da mulher quebrando as algemas da sua escravidão secular nos gynaiceos [illegible] liberdades [illegible]... Tudo isso — e o automovel, os fios electricos, as usinas, os aeroplanos, o arte — tudo isso fôrma os [illegible] elementos da estetica moderna fragmentos de pedra em que construiremos, dia a dia, o [illegible] do nosso Sonho, [illegible] de exilados [illegible] lá em cima, para o qual [illegible] na ancia devoradora de tocar com as mãos de estrellas!

* * *

Estou certo de que não vos espantou nosso programma. Vou mais longe: sinto que nos dêstes razão. Pois bem, para que tenhais testemunhos das affirmações de agora, passemos em revista as forças dos avanguardistas da "Arte Moderna".

SPORT

TURF

JOCKEY CLUB DE S. PAULO

As corridas de domingo

Todos os pareos do programma do festival annunciado para depois de amanhã, no Hippodromo Paulistano, estão confeccionados com rara habilidade, notadamente o denominado "Jockey Club", na distancia de 2.200 metros e com o premio de 5:000$000 ao animal vencedor.

Disputando essa prova — que constitue "the great attraction" da projectada reunião — medirão forças cinco dos melhores parelheiros do nosso turf, entre os quaes, dada a criteriosa distribuição do "handicap", é quasi que perfeita a equivalencia de recursos. Ademais, Conde Lucanor, La Veloce, Balcorrie, Skirmisher e Caligula — que são os candidatos ao importante premio — se encontram, presentemente, em optimas condições de preparo, podendo, por isso, qualquer delles, transpor victorioso o poste final do embate.

Os pareos restantes, como o acima citado, promettem carreiras fartas de interessantes peripecias, com excepção do "Grande Premio Dr. Firmiano Pinto", no qual um dos concorrentes, Fandango, é não pouco superior aos seus antagonistas.

VARIAS

Para as corridas de depois de amanhã, foram feitos favoritos os seguintes animaes:

1.o pareo:
Fandango, 12 — Walt, 20
2.o pareo:
Testaferro, 15 — Almofadinha, 25
3.o pareo:
Obella, 20 — Botovy, 30
4.o pareo:
Rigoló, 18 — Amphray, 28
5.o pareo:
Mysteriosa, 25 — Favella, 35
6.o pareo:
Acarauna, 30 — Lozir, 30
7.o pareo:
Conde Lucanor, 22 — Balcorrie, 35
8.o pareo:
Mystico, 20 — Moreninha, 25.

* * *

E' excellente o estado de "training" do poldro Rigoló, que domingo fará sua estréa na pista da Moóca, competindo com Amprnay, Orpheus, Los Principios, Palmolla e Sansonetto.

O pensionista de Manuel de Mello tem sido trabalhado em "partidas", parecendo que se deu perfeitamente com o terreno do nosso prado.

* * *

D'Annunzio forneceu hontem um galope na distancia de 1.700 metros, marcando o soffrivel tempo de 124".

FOOTBALL

A. DE CHRONISTAS SPORTIVOS

Realiza-se hoje, ás 20 horas, na séde social, a assembléa geral de socios da Associação de Chronistas Sportivos para a eleição da sua nova directoria.

TORNEIO ELIMINATORIO

Effectua-se depois de amanhã, no campo da A. A. Antarctica, um torneio eliminatorio de football, promovido pelo Campos Elyseos F. C.

Tomam parte nesse concurso os seguintes clubs: Oriental F. C., A. A. Antarctica, Radium F. C., A. A. Lacta, Garibaldi F. C. e Campos Elyseos F. C.

A ordem dos jogos é a seguinte:

13 horas — Oriental vs. Antarctica;
13,40 — Campos Elyseos vs. Radium;
14,20 — A. A. Lacta vs. Garibaldi;
14,50 — Vencedor do 1.o jogo vs. vencedor do 2.o jogo;
15,40 — Prova final.

A. A. SUL AMERICA vs. A. A. PAULISTA

No torneio de football domingo ultimo effectuado entre as turmas da A. A. Sul America e as da A. A. Paulista, em continuação ao campeonato municipal deste anno, sahiu vencedora a primeira dessas sociedades, pela contagem de um a zero.

O football no interior

EM RIBEIRÃO PRETO

S. Bento vs. Jornaleiros

Do nosso correspondente:

Realizou-se domingo ultimo, no campo do União Paulista, um encontro de football entre os quadros dos clubs infantis A. A. São Bento e Jornaleiros F. C.

Da lucta entre as primeiras esquadras sahiu com maiores pontos o São Bento, pelo "score" de 2 contra 1.

Antes desse encontro, houve um jogo preliminar entre os quadros de segunda ordem, cujo resultado foi o seguinte: Jornaleiros, 3; São

---

Braços para a lavoura

DEPARTAMENTO ESTADUAL DO TRABALHO

518 pretendentes procuram na Agencia Official de Collocação, 5.996 familias de colonos para a lavoura cafeeira.

Offertas:

Para fazenda — 2 administradores, 3 escrivães e 1 fiscal.

Para fazenda ou fóra della — 3 professores, 3 mecanicos, 3 machinistas, 1 electricista, 1 pedreiro, 1 carpinteiro, 1 chauffeur-mecanico e 2 guarda-livros.